

ÁFRICA HOJE

(GUINÉ 1974)

Realizou-se há dias em Coimbra organizado pelo CES da Universidade de Coimbra, o “IX Congresso Ibérico de Estudos Africanos – África Hoje: Tempos e Espaços de transformação”. Excelente iniciativa e melhor temática. A África de hoje sofreu e falo só na minha geração, mudanças profundas que urge analisar para melhor se compreenderem e realizar o presente, preparando o futuro.

A nós portugueses toca-nos muito de perto o que se passa com a África de língua oficial portuguesa, 5 novos países que não nos saem, nem queremos que saiam, do coração.

Conheço-os a todos e vivi nalguns (conheci, até, no início da década de sessenta, a concessão do Forte de S. João Baptista de Ajudá: - quem se lembra desse “Entrepasto Comercial”?)

Para a conclusão que pretendo tirar deixem-me só falar aqui um pouco da Guiné. Porque se passa o que aí se passa hoje? Porquê tanta ineficácia da Administração civil, tanta corrupção, tanta instabilidade política, tantas dificuldades do Povo Guineense?

Há quem queira atirar boa dose de culpas para a descolonização. Por mim atiro-me mais à colonização, à vertente política da colonização que não teve suficientemente em conta que a organização social estável, o progresso sustentado, o bem estar material e moral, assentam em pilares dentre os quais avulta o da instrução e educação e, dentro desta, a preparação das pessoas para gerirem os seus destinos, o individual e o colectivo. Esta falha aconteceu na Guiné. Aquando da independência não havia quadros guineenses intermédios na Administração Pública. Nem falo dos superiores pois estes estavam reservados, generalizadamente, ao

colonizador. Os quadros intermédios eram preenchidos na sua maioria por Caboverdeanos, em regra detentores de maior instrução.

Havia por isso, até, um certo mal estar latente entre guineenses e caboverdeanos, nesta área, que, aliás, veio a ter a sua quota-parte de influência na desagregação do PAIGC enquanto partido abrangendo a Guiné e Cabo Verde.

A descolonização da Guiné foi o que pôde e teve de ser, nos escassos 5 meses que medearam entre o 25 de Abril de 1974, a saída dos militares portugueses e o reconhecimento da independência por Portugal, em Setembro.

Sei o que se passou. Estava lá!

Nas minhas funções nesse tempo pós 25 de Abril, de um dos adjuntos do Governador Tenente Coronel Carlos Fabião, pude assistir e participar no passar do testemunho para o PAIGC, partido único nesse tempo. Pude, até, assistir, como única testemunha, ao tenso telefonema, vindo de Lisboa, entre o General António Spínola, cujas palavras não ouvia e o Governador, sobre os contactos e negociações com o PAIGC para a entrega do poder, com clara percepção do desentendimento entre ambos.

Conclusão: - logo ali, telefonicamente, foi o Tenente-Coronel Carlos Fabião graduado em Brigadeiro, o que foi depois formalizado oficialmente e a República se desinteressou do dia a dia da transmissão do poder que, no entanto, se processou sem especiais incidentes, fruto da especial capacidade de liderança do Governador. Mas é claro, sem quadros civis preparados, a Administração, sobretudo a nível dos dirigentes, foi ocupada por militares vindos da guerrilha, impreparados para isso, sem cultura de poder civil, muito menos democrático, “militarmente” firmes nos seus postos. Temos o resultado à vista ...

Em Conclusão:

É inegável que sempre tivemos e continuamos a ter um Povo Extraordinário que deu “Novos Mundos ao Mundo”. Mas também é

verdade que temos tido, por demasiado tempo e demasiadas vezes, um Sistema de exercício do poder político pouco preocupado com a defesa e promoção da coisa pública em ordem ao bem geral e menos preocupado, ainda, com os reais interesses dos que justificam e legitimam esse poder, os Cidadãos. Pouco aprendemos com a nossa história e com a exigência de uma especial atenção à Qualidade e forte Investimento, humano, financeiro e material, na Educação, se verdadeiramente queremos ter Sucesso e Progresso.